

LITERATURA E MEMÓRIA NA OBRA *AI DE VÓS!: DIÁRIO DE UMA DOMÉSTICA*, DE FRANCISCA SOUZA DA SILVA

LITERATURE AND MEMORY IN THE NARRATIVE *AI DE VÓS!: DIÁRIO DE UMA DOMÉSTICA*, BY FRANCISCA SOUZA DA SILVA

Mônica de Souza Barbosa (PUC-RS)¹

RESUMO: O presente artigo pretende investigar em que sentido pode a literatura feita de memórias ser instrumento de resistência aos sistemas de opressão e servir à sociedade através da recordação de suas autoras, impedindo o esquecimento e evitando que violências sejam perpetuadas. A partir da literatura composta por memórias e lembranças, será possível o acesso a valores, perfis e medos de determinado povo em cada época, o que permite expandir o conhecimento e a procura por respostas em relação aos motivos dos fatos ocorridos. Para tal finalidade, será feito um breve recorte com relação à obra *Ai de vós!: diário de uma doméstica* (Silva, 1983) para explorar os enfrentamentos das mulheres negras em questões de gênero, raça e classe, bem como o apagamento e silenciamento dessas mulheres na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: literatura memorialística; violência de gênero; raça; classe; mulheres negras.

RESUMEN: El presente artículo tiene como objetivo investigar como la literatura hecha de memorias puede ser instrumento de resistencia a los sistemas de opresión y servir a la sociedad a través de la memoria de sus autores, evitando el olvido y evitando que violencias sean perpetuadas. A partir de la literatura compuesta por memorias y recuerdos, será posible acceder a los valores, perfiles y miedos de un pueblo específico en cada época, lo que permite ampliar el conocimiento y la búsqueda por respuestas con relación a los motivos de los hechos ocurridos. Para lograr la finalidad, se realizará un breve extracto con relación a la obra *Ai de vós!: diário de uma doméstica* (SILVA, 1983) para explorar los enfrentamientos de las mujeres negras en cuestiones de género, raza y clase, así como el borramiento y silenciamento de estas mujeres en la literatura.

PALABRAS-CLAVE: literatura de recuerdos; violencia de gênero; raza; classe; mujeres negras.

INTRODUÇÃO

Recordar o passado é exercício fundamental ao desenvolvimento do pensamento crítico e da tomada de decisões para o futuro. Por outro lado, as memórias podem ser facilmente perdidas à medida que novos acontecimentos vão ocupando lugares significativos na mente humana. Por isso, documentar memórias constitui importante instrumento à literatura. Todavia,

¹ Mestranda em Letras, Área de Concentração em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUC-RS. Graduanda em Licenciatura Letras/Espanhol pela Universidade Federal de Pelotas. Graduada em Direito pela mesma universidade. Bolsista parcial CAPES/BRASIL. E-mail monica.barbosa@edu.pucrs.br. <http://lattes.cnpq.br/0747169116616506>

ainda existem muitas críticas à literatura memorialística e evidente silenciamento neste ponto no que diz respeito às autoras negras.

Nesse sentido, este trabalho apresenta relevância porque realiza análise sobre a presença do gênero memorialístico na literatura como uma valorosa contribuição à área. Além disso, investiga as nuances desse gênero no que concerne à realidade e à ficção como fundamento das obras. A partir dessa concepção, se buscará compreender a relevância da obra *Ai de vós!: diário de uma doméstica* (Silva, 1983) como um modelo de literatura memorialística de autoria de uma mulher negra, e o conseqüente apagamento da referida obra.

Diante disso, o presente artigo divide-se em três seções, todas esforçando-se em relacionar a obra *Ai de vós!: diário de uma doméstica*. A primeira seção destina-se a investigar o que pode a literatura e como ela pode sim ser revestida de memórias e ser espaço de resistência, luta e representatividade. A segunda seção aborda as escritas de si, discutindo fundamentalmente questões atinentes à tenuidade existente nos campos da realidade e da ficção. Já a terceira seção possui como escopo realizar um recorte para debater sobre as violências de gênero, raça e classe que a leitura da obra em análise proporciona.

1 - MEMÓRIAS COMO LITERATURA

A autora Carola Saavedra no prólogo do livro *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*, que teve publicação em 2021 (segundo ano de pandemia de Covid-19 no Brasil), em meio a uma grave crise mundial, questiona:

o que pode a literatura? Que horizontes ela alcança? Ou, mais especificamente ainda: o que pode a literatura em um mundo em colapso, assombrado pelo aquecimento global. Pandemias, ascensão da extrema-direita, aumento da miséria, entre outras tragédias? Em suma, em uma realidade na qual tudo parece mais urgente que a literatura? (Saavedra, 2021, p. 9).

Ao tratar dos escritores Matthew Arnold, Ferdinand Brunetiére e Lanson, Compagnon (1999, p. 36-37) afirma que

à literatura seria atribuída, ainda que provisoriamente, e graças ao estudo literário, a tarefa de fornecer uma moral social. Num mundo cada vez mais materialista ou anarquista, a literatura aparecia como a última fortaleza contra a barbárie, o ponto fixo do final do século: chega-se assim, a partir da perspectiva da função, à definição canônica de literatura.

Todorov (2010) já havia estabelecido diálogo semelhante. Evocou a *Autobiografia* de John Stuart Mill, a qual expõe ter o autor passado por uma intensa depressão, apático à alegria e a qualquer sensação boa, tendo experimentado todos os ineficazes remédios, melancolia esta que perdurou por dois anos e que pouco a pouco se desvaneceu. O livro de poemas de Wordsworth foi essencial ao processo de cura da doença, já que Mill “encontra no livro a expressão de seus próprios sentimentos sublimados pela beleza dos versos” (Todorov, 2010, p. 73), os quais se tornaram fundamento de procura da sua alegria interior. Esta situação serve para refletir, nas palavras de Todorov (2010, p. 76), que “a literatura pode muito”.

A literatura como memória pode² para quem a escreve e para quem a lê. Francisca Souza da Silva (1983, p. 131) autora de *Ai de Vós!: diário de uma doméstica* conta sobre a patroa da última casa em que trabalhou e relata “Esta história da minha vida, que ela me fez escrever, poderá vir a ser talvez, quem sabe, a minha salvação. Queira Deus que assim seja”. Narrar suas próprias histórias pode significar muito para quem o realiza, expressa uma oportunidade de não apagamento das memórias, que poderão influenciar e ensinar gerações na busca pela verdade e pelo conhecimento.

Do mesmo modo, aos leitores a literatura pode muito, Silva (1983, p. 131) indaga “Mas, e as outras? Todas essas meninas nascidas nas roças do interior ou nas favelas das cidades e que estarão expostas a estas mesmas coisas – que será delas?”. Será que essas meninas, assim como Stuart Mill, encontraram ou encontrarão algum conforto ou aprendizado nas memórias de Silva? Ou ainda, existe a possibilidade que gerações lendo essa obra passem a olhar para essas situações com um pouco de empatia?

2 - UM BREVE OLHAR PARA A ESCRITA DE SI

As primeiras indagações que surgem ao tratar da escrita de si e de autobiografias são a respeito de sua classificação como literatura e se pertencem a algum gênero literário. Somente a partir da década de 1970 a autobiografia foi incorporada ao sistema literário e seus estudos de valor estético foram considerados, por ocasião da publicação de textos de Philippe Lejeune, fundamentalmente “*A autobiografia na França* (1971) e *O pacto autobiográfico* (1975)”, pacto que implica a fidelidade entre o autor, narrador e personagem (Carlos; Esteves, 2009, p. 11).

Lejeune (2014) promove a discussão entre autobiografia e ficção. Refere que ao final de uma conferência, as perguntas se dividem em uma parcela que não confia na verdade e outra

² Termo utilizado em alusão à expressão de Todorov “a literatura pode muito”.

que crê na literatura, que para eles a representação do pacto autobiográfico seria uma ilusão, e afirma que “O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção.” (Lejeune, (2014, p. 121).

Nesse aspecto resta o questionamento se seria possível, ainda que existisse comprometimento com a realidade, que essa se sobreponha e não contenha qualquer traço de ficção ou imaginação. Além disso, no que diz respeito à verdade, não há como se precisar o que se trata da verdade, afinal, cada ser humano entenderá o mundo a sua maneira, correspondendo nele a sua verdade.

Nesse sentido, Conceição Evaristo (2017) criou o termo “escrevivência”, isto é, a ficcionalização das suas memórias na obra *Becos da Memória*. A autora afirma que inventa, ela faz uma espécie de pacto com o leitor, confessa que dentre suas lembranças e esquecimentos surge a invenção:

As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. (Evaristo, 2017, p. 11).

Em *Ai de Vós!: diário de uma doméstica*, Francisca Souza é narradora e ao mesmo tempo é protagonista de sua história, portanto na perspectiva da categorização de Genette (2017), essa narradora se apresenta como homo e autodiegética. A partir da focalização interna o leitor tem acesso à percepção do mundo e de si mesma do ponto de vista da narradora-personagem.

A escrita é realizada a partir de momento posterior ao ocorrido, enquadrando-se na narração ulterior segundo a classificação de Genette (2017). Andrade (2009) expõe que o narrador joga com o tempo, um tempo psicológico já que retoma o passado através de um presente narrativo, “[...] o tempo da narrativa segue, então. O ritmo da memória, das lembranças, das reminiscências, em que presente e passado se misturam” (Andrade, 2009, p. 104), ao resgatar os acontecimentos do passado, há uma seleção realizada pelo narrador referente aos fatos que mereçam destaque para a boa progressão e assimilação do que se pretende contar. Por isso, pode-se dizer que a memória é trabalhada de maneira instrumentalista, sob um olhar comprometido, em que se selecionam alguns dos infinitos fragmentos.

Nessa lógica, percebe-se na narrativa uma escolha de fatos a serem narrados e a tentativa de recordar com precisão os fatos eleitos: “Nesse tempo, meu outro irmão mais novo casou-se com uma moça que morava na Fazenda do Paraíso. Eu morava, tempos com um, tempo com

outro, mas não posso determinar o tempo certo porque não me lembro.” (SILVA, 1983, p. 19). O trecho demonstra a existência de correlação entre o que está sendo narrado e o que de fato aconteceu com a autora. Ao admitir que não lembra determinada circunstância, pode-se inferir que a narradora preferiu confessar o esquecimento a inventar um novo e possivelmente diferente relato.

Sobre isso Jozef (1997, p. 220) afirma que “[...] o filtro da memória impede a objetividade, embora se possa insistir na verdade do referente”, bem como que na autobiografia há uma procura pelo limiar entre o discurso da história e o discurso do sujeito, presumindo-se que tudo aquilo que foi narrado, aconteceu. Existem duas perspectivas, sendo elas: o eu reagindo ao mundo, e o mundo experimentando o eu, “[...] é um fugir e um ficar.” (Jozef, 1997, p. 221).

Para Leyla Perrone-Moisés (2016) a autoficção literária seria uma falácia se considerada a sua veracidade. Para a autora, as autoficções são criadas ao narrar a própria vida ou determinado fato dela e garantem a individualidade do sujeito, possibilitam a significação do passado e a projeção do futuro, os quais são provisórios e imaginários em uma percepção psicanalítica. Se a narrativa intenta ser literária, verifica-se maior o espaço entre o que é enunciado e o que se trata da realidade.

Falar de si mesmo por escrito é comunicar-se com um leitor virtual, o qual, por sua vez, pode buscar, na individualidade do escritor, as semelhanças com ele mesmo e as respostas que lhe faltam em sua existência individual. Portanto, a autoficção não é necessariamente egoísta e descartável. [...] Para uns, autoficção não é necessariamente memorialística, pois ela pode ser um registro imediato da experiência. Para outros, a biografia é um gênero reservado às pessoas ilustres, narrando uma vida inteira, o que não é o caso da autoficção. (Perrone-Moisés, 2016, p. 206-207).

Em sua escrita autobiográfica, que contenha ou não ficção e inventividade, Francisca Silva – não incluída no cânone literário –, por sua narração e estratégia estrutural do texto, se aproxima do leitor e desperta o interesse no discurso. Além de chamar a atenção para importantes debates sobre gênero, raça, classe e trabalho.

Ainda assim, a discussão sobre quem escrevia o que se poderia ser considerado literatura perdurou por muito tempo. Para alguns críticos, a escrita de uma mulher “favelada” – em referência à escritora Carolina Maria de Jesus – e que não possui domínio formal da escrita não poderia ser designada literatura, sob pena de qualquer coisa ser literatura (Saavedra, 2021). Ocorre que

literatura é algo definido por uma sociedade específica num tempo específico, destinado a um público específico. Nesse sentido, a literatura da forma como nós a vemos é um texto escrito com valor estético definido por nós. Mas quem somos ‘nós’? [...] é importante repensar quem somos nós, quem fala por nós, quem decide por nós e, principalmente, quem define quem devemos ser (e quem devemos ler), para, assim, sermos capazes de pensar uma literatura mais ampla, mais livre, mais aberta a outras vozes, outras escritas, outras linguagens, outras histórias. (Saavedra, 2021, p. 168 e 173).

Nesse contexto, a obra *Ai de vós! diário de uma doméstica* se trata de literatura, não há como negar. Um testemunho narrado através de um diário que “nasceu [...] da necessidade de apresentar o lado escondido da história, a dos dominados em oposição à dos dominadores” (Jozef, 1997, p. 220).

Em outras palavras, em tais testemunhos se elabora o conhecimento popular (do sofrimento, da opressão social e econômica) necessário para ‘aumentar a capacidade [das camadas populares] de discernir e recusar as regras de dominação’. Além disso, sendo narrativas ou histórias de conscientização e luta dos trabalhadores, tais testemunhos constituem modelos ou exemplos de ‘lutas e formas de organização mais capazes de concretizar novas regras de vida social’. (Roncador, 2008, p. 205).

Sobre o assunto, na introdução da obra analisada, Pedro Nada em 24 de setembro de 1981, ao encaminhar o texto de Francisca para publicação por Lucio Costa:

Essa gente, nas suas favelas, nos seus barracos [...] fala uma língua especial, tem sua religião própria, sua medicina de curandeiragem, seu bloco de opiniões – de que não dá notícias diretamente e de que tomamos conhecimento só pela interpretação nem sempre autorizada de estudiosos pertencentes a camadas de elite – sem a vivência daqueles que são objeto de suas pesquisas. Vem daí a importância de *Ai de Vós / Diário de uma doméstica* onde Francisca Souza da Silva presta depoimento de surpreendente realismo sobre o grupo a que pertence, numa confissão e num fio de lembranças que são a vista luminosa sobre parcela enorme de nossa sociedade – parcela esta que é mais fechada que uma concha. Essa aberta oferecida deve fazer meditar todos os que estão acima destes marginalizados.

Em um sentido semelhante, na conclusão de sua obra *A doméstica imaginária*, Roncador (2008, p. 238-240) recorda que em 1960 Clarice Lispector começou uma denúncia descomprometida sobre o caráter de propriedade da figura da empregada doméstica e a introduziu em um contexto de confrontos, angústias e culpas, todavia esses confrontos foram atenuados pela inserção dessas empregadas em modelos de acessível consumo. Dessa maneira, ainda que se pense em textos que visam a redenção de estereótipos negativos da figura da empregada doméstica – os quais foram associados à representação da trabalhadora durante os anos de *Belle Époque* – não foi possível atingir essa libertação, nem sequer fixaram-se novos estereótipos diferentes. À vista disso, a importância da escrita de si, já que “o narrador

(subalterno) da literatura de testemunho tenta, de maneira criativa, beneficiar-se desse discurso, utilizando-o como estratégia de aquisição de respeito ou de solidariedade.” (Roncador, 2008, p. 240).

Por conseguinte, os testemunhos estudados pela autora na obra acima mencionada abarcam discussões do ponto de vista da pessoa subalternizada. A categoria social dos trabalhadores domésticos passa a ganhar voz, o que contemporaneamente ultrapassa as barreiras da (auto)biografia passando para a ficção pura como no caso da narrativa *Solitária*, de Eliana Alves Cruz (2022). A referida obra narra a trajetória de uma trabalhadora doméstica e de sua filha e, neste caso, as narradoras são primeiramente a filha da trabalhadora (Mabel), em segundo a trabalhadora (Eunice) e posteriormente os quartos por onde as personagens viveram é que passam a narrar a história. Percebe-se assim, que a literatura (neste exemplo, mais especificamente, a brasileira) passou a se preocupar com questões anteriormente apagadas ou desabonadas.

Em resumo, no que concerne às escritas de si, conclui-se que é possível uma melhor compreensão das circunstâncias e conflitos sociais, por meio das histórias e testemunhos de vida de muitas pessoas, principalmente as mulheres negras que por muito tempo vem sendo desprestigiadas – como no exemplo de Francisca Souza – ainda que não haja um reconhecimento como no cânone literário.

Desse modo, é fundamental o respeito às memórias de pessoas que tanto lutaram por uma vida mais digna, e mais do que isso, preocuparam-se com os próximos, nas palavras de Silva (1983, p.131): “Mas, e as outras?”.

3 - VIOLÊNCIAS DE RAÇA, CLASSE E GÊNERO EM *AI DE VÓS!*: DIÁRIO DE UMA DOMÉSTICA, DE FRANCISCA SOUZA DA SILVA

Francisca Souza da Silva, mulher negra, trabalhadora doméstica e escritora, nasceu no vilarejo Palmares, município de Campos no Rio Janeiro em 28 de março de 1943. Em sua obra *Ai de vós!* narra, por meio de suas memórias, a sua história a partir de meados da morte do seu pai, momento em que, com doze anos, foi dada para uma família da capital com a função de trabalhadora doméstica – cenário esse vivido por muitas outras meninas da época que na convivência de sua família não tinham acesso a direitos básicos como saúde, alimentação e vestuário. A trajetória de Francisca é, infelizmente, permeada por violência, desigualdade, preconceito e miséria.

A história de Silva contribui para o conhecimento do leitor sobre a luta das mulheres negras pelo direito à dignidade em vários aspectos tais como o trabalho, a moradia, a alimentação, a maternidade, os relacionamentos afetivos e familiares.

Não somente por seu caráter urgente de denúncia, de direcionamento do olhar às minorias políticas, segundo Sônia Roncador (2008), os testemunhos em *Ai de Vós!: diário de uma doméstica* ao mesmo tempo que apresentam textos complexos e dinâmicos, com variedade de movimentos – efetivados “pela ultramobilidade de um corpo (da doméstica)” (RONCADOR, 2008, p. 202) – e personagens, arquitetam-se em uma paralisação social e econômica.

Tais qualidades (dinamismo e variedade) não se propõem, portanto, a esconder o lastro de imutabilidade de que são feitas as histórias de vida dessas mulheres, nem as marcas constantes da miséria e da humilhação: o vazio comunitário ou o sentimento de alienação ao longo da vida (a falta de família; a brutalidade das relações com amantes e vizinhos; o defloramento precoce, a maternidade solteira; o desespero da fome e da falta de moradia). (Roncador, 2008, p. 202).

Nessa perspectiva, ao dedicar-se à obra *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus, Saavedra (2021, p. 170) aponta aspectos que se aplicam na análise do texto de Silva já que “justamente por não se ater à norma (mas que norma seria essa?), permite à autora criar a sua própria sintaxe [...] com a sucessão de frases curtas ela recria o desespero, a falta de ar e a necessidade de seguir em frente”. Exemplo disso, consta no trecho que segue abaixo que demonstra uma das muitas situações de violência vividas por Silva:

- Eu soube que você tinha ido para casa... – Eu não fui mas vou... eu chamo a Polícia. Ele se levantou de um salto e disse: - Aqui garota, eu tenho 21 anos e 26 crimes nas costas, mais um não faz diferença, tá legal? E abrindo a camisa me mostrou o revólver. Eu nada disse, estava longe dali, pensando em meu cadáver no jornal do dia seguinte, meu filho, meus parentes – Tá vendo, eu sabia que ia terminar assim, nunca prestou, só deu pro que não presta... – despertei com ele me dizendo: - Eu te levo, vamos... ou está com medo? – Não... eu não estou com medo... eu vou... – só Deus sabia da verdade. (Silva, 1983, p. 71).

Silva sofreu violências desde muito nova, quando saiu, ainda criança, da casa de sua mãe para trabalhar como doméstica na casa de outra família. Mesmo na casa de Dona Izabel em que julgou ter sido mais feliz relata que “Minha mãe apareceu no dia seguinte, minha roupa já estava pronta e eu fui com ela para a casa de minha futura dona. Dona porque era assim que eu hoje sinto: eu era um animalzinho sem valor.” (Silva, 1983, p. 25). Desde então, Silva precisou diversas vezes mudar os locais e as pessoas para quem trabalhava, sem conseguir em sua maioria condições dignas e respeitáveis de trabalho.

A título de ilustração cita-se episódio no qual Silva ficou por nove dias trabalhando na casa de uma família. Era época de Natal e os perus que seriam utilizados para a ceia ficaram no banheiro de Silva até que fossem mortos, o que gerou vários mosquitinhos e uma grande discussão que culminou na sua saída do trabalho:

A creola veio gritando, me chamando de porca, eu explicando – Dona Fulana, eu não tenho culpa, depois que matar eu lavo, aí acaba com os mosquitos [...] – Essa negrinha malcriada que está me respondendo! [...] – Me deem meu dinheiro que eu já vou embora! – Você não pode sair daqui hoje! Sabe que eu estou cheia de serviço! O marido falou: - Vá cuidar do serviço e rápido! Já! Botei as mãos na cintura e disse: - Me obrigue, se puder! (Silva, 1983, p. 36-37).

Passados dois dias da discussão, Silva foi para Copacabana em busca de trabalho e encontrou, uma vez que ia perguntando sobre a possibilidade de trabalho aos porteiros dos prédios. Aparentemente o emprego era bom e com bons patrões: “Cuidei de tudo, fiz comida, para ele e o motorista, tudo correu bem, ele era muito simpático e demais a mais, era Juiz de Direito, um homem destes é respeitado, principalmente por sua criada e era assim que eu me sentia.” (Silva, 1983, p. 37). No entanto, após o patrão ter oferecido o próprio banheiro para o banho de Francisca, que o aceitou para agradar, ele pediu a ela que se sentasse para ver televisão com ele:

E mais uma vez, para agrada-lo, lá fui eu sentar no sofá perto do velho e fiquei entretida, vendo televisão. Só vi quando ele me agarrou e começou a me beijar e eu me debatendo, lutando com ele até que o empurrei e saí correndo para a cozinha e desci, fui direto à garage onde estava o motorista e falei: - Olha, eu fico agradecida pelo emprego, mas vou-me embora porque aquele velho é muito sem vergonha ele me agarrou e foi me olhar mais cêdo no banheiro... O motorista me responde: - Deixe isso pra lá, o velho já não faz nada, se você pensar sempre assim, você não fica em lugar nenhum. (Silva, 1983, p. 38).

Cumpramos neste ponto, que a mulher negra sofre tríplice discriminação, por questões sociais, raciais e sexuais, estando seu trabalho, portanto, inserido na esfera mais explorada da sociedade brasileira (Gonzales, 2020).

Angela Davis (1944) sustenta que o entendimento das nuances sobre as vivências das mulheres negras escravizadas poderia propiciar a compreensão sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres na procura de sua emancipação. No sistema escravista as mulheres negras eram vistas como propriedades, e reduzidas a meros recursos de produção de trabalho, estavam apagadas de sua existência, já que eram submetidas ao trabalho compulsório.

Cida Bento aponta, assim, que o modelo social de trabalho doméstico atravessa os séculos e ainda hoje reproduz de muitas formas a violência do período de escravização:

O universo das trabalhadoras domésticas é o que mais concentra mulheres negras no Brasil. Em 2018, 6,2 milhões de pessoas do país tinham como ocupação o serviço

doméstico remunerado [...] 68% dessas trabalhadoras que desenvolvem o serviço doméstico remunerado eram mulheres negras, cujo perfil é de baixa escolaridade e de origem familiar de baixa renda. Trata-se de uma invariável desde o período da escravidão, revelando permanência nas mesmas atividades realizadas na cozinha da casa-grande, e muitas vezes recebendo tratamento similar ao que suas ancestrais receberam. (Bento, 2022, p. 80).

O testemunho de Silva remete o leitor, portanto, ao pensamento crítico, abrindo muitas portas de discussão, mostrando-se vital pensar no papel da mulher negra na literatura, em suas relações de trabalho, principalmente no emprego doméstico, que deve ser percebido como qualquer outro trabalho, e não como um legado do período de escravidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir a literatura enquanto espaço e recurso para a memória, resultou, portanto, em algumas implicações. A literatura pode³ dar voz a quem muitas vezes foi silenciado, subalternizado ou invisibilizado. A literatura pode resgatar histórias que, contendo ou não ficção, revelam diversas mazelas experimentadas pelo interlocutor. A literatura pode fazer com que o leitor seja capaz de sentir de alguma forma as vivências e as experiências traumáticas pelas quais passou o escritor. A literatura pode individualizar (mostrando sentimentos profundos) para representar.

A trajetória de Francisca Silva, narrada em *Ai de Vós!* se tornou um instrumento de denúncia, pois proporciona o anseio para a abertura de debates sobre urgentes questões sociais, tais como o direito ao trabalho e moradia dignos, alimentação e preservação do próprio corpo. A autora, além disso, propõe uma crucial reflexão ao questionar o que acontece com as outras, referindo-se àquelas meninas que enfrentam diariamente circunstâncias semelhantes às enfrentadas pela escritora. Deste modo, verifica-se que é fundamental que, a partir de histórias como a de Francisca Silva, sejam questionados os motivos pelos quais a autora tenha sofrido tantas violências, e, principalmente, como rompê-las, já que se perpetuam ainda hoje na vida muitas outras mulheres.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cátia Inês Negrão Berlim de. Longa memória de todos nós. *In*: CARLOS, Ana Maria; ESTEVES, Antonio Roberto (org.). **Narrativas do eu**: memórias através da escrita. Bauru: Canal6, 2009. p. 97-108.

³ Novamente a expressão é utilizada em alusão à sentença de Todorov “a literatura pode muito”, assim como as demais no mesmo parágrafo.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARLOS, Ana Maria; ESTEVES, Antonio Roberto. Narrativa autobiográfica: um gênero literário? *In*: CARLOS, Ana Maria; ESTEVES, Antonio Roberto (org.). **Narrativas do eu: memórias através da escrita**. Bauru: Canal6, 2009. p. 9-22.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. 1 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. Título original: *Le Démon de la Théorie: Littérature et Sens Commun*.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GENETTE, Gérard. **Figuras III**. Tradução: Ana Alencar. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JOZEF, Bella. (Auto) Biografia: os territórios da memória e da história. *In*: AGUIAR, Flavio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RONCADOR, Sônia. **A doméstica imaginária: literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

SILVA, Francisca Souza da. **Ai de vós!:** diário de uma doméstica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Recebido em: 30/11/2023

Aprovado em: 15/05/2024

Publicado em: 24/06/2024



10.29281/r.decifrar.2024.1a_1